

O que me ocorreu dizer e referir acerca desta exposição

“Life is invested into brute matter insofar as it, too, is perpetually moving, metamorphosing, or immigrating from one condition to another.”

(Gilles Deleuze, *The Fold - Leibniz and the Baroque*)

11.11.21

> «Crane não escreveu quase nada de crítica literária e apenas raramente comentou o seu próprio trabalho (muitas vezes contradizendo-se de uma afirmação para outra), mas as suas observações a Lily estão entre as primeiras que registou por escrito, e mesmo que não digam muito sobre o que fazia na altura, dão uma boa ideia daquilo que ele *pensava* que estava a fazer, o que no fim de contas é igualmente valioso.

A minha carreira tem sido mais uma batalha do que uma viagem. Sabes, quando te deixei, renunciei à escola engenhosa da literatura. Pareceu-me que devia haver mais alguma coisa na vida do que estar sentado a puxar pela cabeça em busca de expedientes argutos e espirituosos. Por isso desenvolvi sozinho um pequeno credo de arte que achei que era bom. Mais tarde, descobri que o meu credo era idêntico ao de Howells e Garland e assim envolvi-me na bela guerra entre aqueles que dizem que a arte é o substituto do homem para a natureza e que somos mais bem-sucedidos na arte quando nos aproximamos o mais possível da natureza e da verdade, e aqueles que dizem – bem, eu não sei o que dizem. Eles não dizem, não podem dizer muito. [...] Se eu tivesse mantido o meu estilo engenhoso, à Rudyard Kipling, talvez o caminho fosse mais curto, mas oh, não seria o caminho verdadeiro. Os dois anos de luta foram bem empregados. E agora estou quase no fim. O inverno fixa-me firmemente.»

Paul Auster, Um Homem em Chamas – A vida e obra de Stephen Crane, 2021, Edições ASA, 91 e 92.

> Interessam-me as questões relacionadas com a origem, constituição da imagem, de um modo concreto, físico, evidentemente visual.

> Continuidade, afinidade, transformação, desenvolvimento.

> Gesto aleatório como via de acesso, e com um potencial de desbloqueamento.

04.12.21

> Faço uma associação entre as imagens e a condição humana. Contínua transformação biológica e mental.

> Ato contínuo de trabalhar a matéria e dar-lhe um significado. Como se a matéria fosse a testemunha e vítima de uma obsessão, para apaziguar uma inquietação e possibilitar atingir um equilíbrio precário.

29.12.21

«Borges, one of Leibniz's disciples, invoked the Chinese philosopher-architect Ts'ui Pên, the inventor of the "garden with bifurcating paths, "a baroque labyrinth whose infinite series converge or diverge, forming a webbing of time embracing all possibilities. (p. 62)

[...]

Nietzsche and Mallarmé have rewarded us with the revelation of a Thought-world that throws dice. But for them the world lacks principle, has lost its principles. That is why the roll of the dice is the power of affirming Chance, of thinking of chance in sum, which is above all not a principle, but the absence of all principle. Thus Mallarmé gives to absence or nothingness what issues from chance, what claims to escape it all the while limiting it by principle: "The world is the anonymous domain of absence, from which things appear or into which they will then disappear. [. . .] The apparition is the mask behind which no one exists, behind which really exists other than nothing," Nothing rather than something».

(Eugen Fink, *Le jeu comme symbole du monde* (Paris: Minuit, 1966), 238-239) (p. 67)

Gilles Deleuze, *The Fold - Leibniz and the Baroque*, The University of Minnesota Press, 1993

05.01.21

> É sempre um salto no vazio, um mergulho numa imensidão sem gravidade, em que o apoio é o corpo e a sua memória, meio condutor através do qual se atinge algo sempre inesperado, mas que paradoxalmente sempre existiu (corporiza-se enquanto objeto com a gravidade inerente), ganha autonomia, vida própria, mistério da criação ou será um espelho momentâneo?

> É sempre um encantamento com um ser visível que se vai tornando, oscilando entre uma luminosidade e uma face oculta.

> «Mark Irwin: Para mim, um dos mais originais aspetos da sua obra será talvez a noção de que o acaso, a memória, e o próprio ato de escrever, procuram todos eles violar o espaço, num sentido tanto físico como metafísico. Em jeito de exemplo, deixe-me citar uma carta de Nadezhda Mandelstam para Osip Mandelstam, de Outubro de 1938, a mesma carta que você cita no final de *A Solidão Reinventada*. «Não tenho palavras, meu querido, para escrever esta carta. Estou a escrevê-la no espaço vazio. Quando voltares, talvez não me encontres aqui.» Isto é algo que o persegue a si, este escrever no espaço vazio, o terror e a graça do eterno?

Paul Auster: No fundo, creio, o meu trabalho nasceu de uma posição de imenso desespero pessoal, de um niilismo e desesperança muito profundos acerca do mundo,

do facto da nossa própria efemeridade, da inadequação da linguagem, do isolamento de uma pessoa em relação a outra.»

Paul Auster, *Experiências com a Verdade*, Edições ASA, 1ª Edição, Março de 2003, 156.

> «It's that willingness to fail, though, that brought Ms. Sillman to this breakthrough moment. Wich is the great value of her work, and the lesson she imparts to young artists especially: that the future has to be got at through the mind and the body, through thinking and feeling, through flesh and through ones and zeros. It's a push-and-pull form of discovery that these paintings execute and dramatize, always on the verge of collapse but going forward anyhow».

Jason Farago, "Amy Sillman's Breakthrough Moment Is Here" - *The New York Times*

10.01.22

> «Muitas vezes a génese das grandes obras foi entendida à imagem do nascimento. Esta imagem é uma imagem dialética: abarca o processo por dois lados. Um deles tem a ver com a concepção criativa, e refere-se, no génio, ao elemento feminino. Este elemento feminino esgota-se uma vez consumada a obra. Dá vida à obra, e depois extingue-se. O que morre no mestre com a criação consumada é aquela parte nele em que a obra foi concebida. Ora, acontece que esta consumação da obra – e isto levamos ao outro lado do processo – não é coisa morta. Não se pode alcançar a partir de fora; não se chega lá limando e aperfeiçoando. Realiza-se no interior da própria obra. E também aqui se fala de nascimento. É a própria criação que, ao se consumir, dá novamente à luz o criador. Não na sua feminilidade, em que foi concebida, mas no seu elemento masculino. Extasiado, ele supera a natureza: pois esta existência, que ele recebeu pela primeira vez das obscuras profundezas do ventre materno, terá de agradecer-lá agora a um reino mais luminoso. A sua terra natal não é o lugar onde nasceu: ele vem ao mundo no lugar que é a sua terra natal. É o primogénito masculino da obra por ele concebida um dia.» (p. 258)

Walter Benjamin, *Imagens do Pensamento*, Tradução João Barrento, Assírio & Alvim, 2018

Lourenço de Castro